



Saúde em Debate

ISSN: 0103-1104

revista@saudeemdebate.org.br

Centro Brasileiro de Estudos de Saúde
Brasil

Costa, Ana Maria
VIANNA SOBRINHO, L. Medicina Financeira: a ética estilhada. Rio de Janeiro:
Garamond, 2013.
Saúde em Debate, vol. 39, núm. 105, abril-junio, 2015, pp. 570-571
Centro Brasileiro de Estudos de Saúde
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406341748024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



VIANNA SOBRINHO, L. *Medicina Financeira: a ética estilhaçada*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

Ana Maria Costa¹

‘Medicina financeira, a ética estilhaçada’, de Luiz Vianna Sobrinho, editado pela Garamond, é um livro de fôlego e coragem no qual o autor, como observador participante, olha a intimidade da medicina praticada hoje no Brasil e a analisa sob as lentes e referências da ética e da bioética.

Sua tese central é a de que a medicina atual serve muito mais ao mercado dos planos de saúde e ao capital do complexo médico industrial que aos pacientes, e a partir de histórias e fatos vividos vai demonstrando as razões que confirmam sua tese.

Nas raízes da sua inquietação investigativa, o autor expressa o desejo de sair do senso comum, de desconstruir mitos e escancarar a realidade da medicina. Assim, ele abre as 335 páginas para, como ele mesmo diz, avaliar, de forma ampla, a mudança/transformação do objetivo principal da medicina contemporânea. Ainda especifica que constata a ocorrência de uma substituição do paciente — como principal objetivo da medicina — pelo médico, pelo hospital, pela ciência, pelo plano de saúde, pela sociedade ou pelo ‘cliente-consumidor’. No meio desses interesses, o paciente desaparece.

Longe de ser apenas o depoimento de um médico indignado com o que viu e viveu, Luiz Vianna persegue na análise a razão crítica que enaltece e valoriza como maior herança histórica da civilização, pavimentada nas suas leituras dos gregos nos seus

devidos tempos e depois por Bacon, Hume, Descartes, Kant, Montaigne, Espinosa, Nietzsche, Marx e Freud.

Na busca por respostas às suas perguntas, a primeira constatação é a situação na qual a medicina tem como principal objetivo o próprio médico, hoje completamente destituído do papel de ‘sacerdócio’. Orientado pela disciplina e pela prática do ‘profissionalismo’, o médico fica liberado, de acordo com a sua satisfação, para alimentar suas curiosidades sobre a doença, incensar o gozo pela ciência ou mesmo selecionar a melhor oferta de ganhos financeiros no campo de sua ação empresarial.

Assim caracterizado, o médico mais se aproxima de um técnico que afasta o paciente de suas preocupações centrais e objetivos profissionais, ocupado hoje pelo sentido e o conceito de ‘cliente’ de um conjunto de serviços oferecidos.

Nesse contexto cada vez mais tecnificado da medicina, o autor identifica que ocorre uma gradual transferência das responsabilidades típicas e próprias do cuidado médico para os métodos diagnósticos, que, por sua vez, se tornaram produtos expostos à venda e ajustados aos valores dos que podem pagar por mais ou menos procedimentos, exames etc.

Entremeando suas histórias e observações de ‘vida de médico’, a segunda constatação é aquela na qual a medicina tem como

¹Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) - Brasília (DF), Brasil. Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (Cebes), Brasil. Associação Latino-Americana de Medicina Social (Alames). dotorana@gmail.com

objetivo o hospital, uma indústria de procedimentos similar a qualquer outro mercado de serviços.

O mote da viabilidade hospitalar é o lucro e sua sustentabilidade, que, de imediato, coloca o paciente à margem de seus objetivos de existência. Aqui mais uma vez prevalecem as tecnologias e a sofisticação dos produtos ofertados, transformados na atração e no sentido do hospital para o mercado, descartando o grupo de pacientes que não precisa ou não pode usar ou pagar por esses produtos.

A medicina para os seguros ou planos de saúde, que constituem uma clara exploração lucrativa da saúde, deslocam mais uma vez o foco da medicina sobre o paciente. Eles vendem assistência médica na lógica de seguros, ou seja, explorando o risco das pessoas adoecerem. Além da perversidade dessa modalidade de construção do lucro, as seguradoras ou planos de saúde, inter põem entre médicos e pacientes seus respectivos contratos e expectativas de lucros. Testemunho dessa subversão da prática e da decisão médica, o autor denuncia a subserviência dos médicos e dos pacientes à perversa situação.

Quando em outro caso, em que a medicina está essencialmente regida pelo interesse da ciência, o autor questiona com propriedade

a natureza dessa ciência estimulada e induzida pela indústria privada, seja de medicamentos ou de equipamentos. A ciência que encanta a medicina e os médicos, que deveria produzir benefícios à humanidade, está hoje direcionada aos interesses e aspirações do próprio mercado e da indústria, cada vez mais distanciada dos interesses e necessidades dos pacientes.

Nessa complexa trama da medicina com o mercado, o autor lança uma crítica de alerta à sociedade e aos pacientes ou clientes, todos eles acomodados e deslocados como vítimas do fetichismo da saúde como mercadoria, alienados na medicalização da vida propiciada por essa modalidade de medicina financeira.

Sob essa perspectiva, o livro abre um leque de desconfortáveis denúncias e situações reais que se descortinam na vida cotidiana de quem é profissional de saúde, particularmente os médicos que hipocritamente praticam a profissão negando seus juramentos éticos estilhados e desgastados pela medicina contemporânea. Sem a pretensão de apontar caminhos, o autor reconhece a necessidade de que algo seja feito. Talvez sua instigante obra seja inspiradora de outros indignados para essa tarefa da reconstrução ética de recuperar o sujeito original da medicina nos tempos futuros. Quem sabe? ■